

A EXPERIÊNCIA VITAL DE LUIS CERNUDA¹ EM "LA REALIDAD Y EL DESEO"

Ester Abreu Vieira de Oliveira
UFES-CEG-DLL

Libertad no conozco sino la libertad de estar preso
[en alegría

La soledad poblé de seres a mi imagen
como un dios aburrido.

Sólo vive quien mira
Siempre ante sí los ojos de su aurora.
Sólo vive quien besa
Aquel cuerpo de ángel que el amor levantara.

Luis Cernuda

Luis Cernuda pertence à Geração do 27.² Foi reconhecido como poeta em 1927 com a publicação de *Perfil del aire*, tachada pelos críticos como imatura e como sob a influência da poesia de Jorge Guillén. Mas, mesmo com a depreciação dos críticos, foi enquadrado na hierarquia dos poetas autênticos desde essa sua primeira obra. Pois nela pode-se apreender uma extrema ternura em poemas de forma leve e clara e no uso do verso elaborado, nas estrofes de décimas e quartetos. Esses seus versos revelam um poeta romântico, que ressurgirá, magistralmente, nas suas últimas obras. Nesse livro, sem dúvida, pressentem-se as inquietudes juvenis que antecipam a postura espiritual do poeta em sua madurez. O tom íntimo e a forma breve dos poemas fazem lembrar a poesia de Gustavo Adolfo Bécquer, pós-romântico espanhol. Pedro Salinas³ disse que a poesia de Cernuda é de vidro, de matéria leve; seus versos são límpidos, podem ser vistos como por um cristal e seus poemas despedem vibrações, mistérios de queixas musicais.

Não é nenhuma novidade falar da experiência vital de um poeta, compreendida como os fatos ou as percepções interiores que determinam a criação poética e nos facilitam compreender o autor, mesmo quando se toma por base uma obra não confessional, como no caso de Cernuda, porque ela pode apresentar determinantes que apontam inquietudes do escritor e determinam o seu viver.

Para falar da poética de Luís Cernuda e pôr em destaque o homem, a nossa escolha incidirá sobre *La realidad y el deseo*,⁴ porque essa obra é uma espécie de antologia de seis obras desse escritor, anteriores a seu exílio voluntário.⁵ Os poemas, dentro de uma unidade poética, estão distribuídos em seis blocos, titulados com os respectivos nomes das obras das quais foram tirados, à exceção do primeiro bloco, *Primeras poesías*, onde se encontram os poemas de sua primeira obra *Perfil del aire*, com algumas modificações estruturais. Percebe-se que houve uma preocupação de eliminar-lhes os aspectos apontados pela crítica como negativos, ou seja, tudo o que os fazia assemelharem-se aos de Guillén.

No segundo bloco de poemas sob o título "Égloga. Elegía. Oda", pode-se notar o gosto do poeta pelos clássicos, principalmente pela lírica garcilasista. Também, nele, distingue-se a delimitação do mundo do desejo íntimo e o da realidade exterior sem nenhum conflito, em quadros maneiristas ou neoclássicos, como os dos versos paisagísticos: *Si la brisa estremece/ en una misma onda/ el abandono de los tallos finos./ ágil tropel parece/ tanta rosa en la fronda/ de cuerpos fabulosos y divinos;/ rosados torbellinos/ de ninfas verdaderas/ en fuga hacia el bosque... (...) Entre las rosas yace/ el agua tan serena/ gozándose a sí misma su hermosura.*⁶

A realidade exterior pode ser interpretada como o objeto do desejo. Sobre a visão transformadora da realidade, de cujos variados exemplos salpica o **Quixote**, nos explica Ortega (comentando a aventura dos "molinos de viento") que existe uma dupla compreensão das coisas: uma o seu sentido lato, sua significação, aquilo que apresentam quando interpretadas e a outra a sua positiva substância, aquilo que as constituem sobrepondo a toda interpretação, o seu sentido literal. Logo o não poético está no circunstancial, porque o poético abandona todo o circunstancial, nele está o imaginário. Assim, a realidade, servindo para elevar o poema a uma potência estética, encobre o erotismo debordante dos poemas de Cernuda.

O terceiro bloco, "Un río, un amor", contém poemas em que a emoção do eu poético se sobrepõe às pressões da realidade, relacionando a poesia com a vida inóspita. Surgem versos que relembram o despertar do poeta, evocando a sua primeira produção, não bem vista pelos críticos literários de sua época: (*Ante las puertas bien cerradas/ sobre un río de olvido, va la canción antigua./ Una luz lejos piensa/ como a través de un cielo. Todos acaso duermen/ mientras él lleva su destino a solas.*) Também aparece o poeta submerso na solidão: (*Un hombre gris avanza por la calle de niebla;/ no lo sospecha nadie. Es un cuerpo vacío;*)⁹ Nesse conjunto de poemas, pertencente ao livro do mesmo nome, uma publicação de 1929, o poeta canta a ausência do amor em um mundo urbano (*Una angustia sin fondo aullaba entre las piedras;/ hacia el aire, hombres sordos/ la cabeza olvidada/ pasaban a lo lejos como libres o muertos.*)¹⁰ onde esse sentimento é impossível de realizar-se (*Un día comprendió cómo sus brazos eran/ solamente de nubes;/ imposible con nubes estrechar hasta el fondo/ un cuerpo, una fortuna.*)¹¹ Cernuda, aí, condenando um mundo universal e existencial de nihilismo total a todo amor, se manifesta como poeta surrealista: (*Ni siquiera esperar ese pájaro con brazos de mujer/, con voz de hombre oscurecida deliciosamente.*)¹²

O quarto bloco, "Los placeres prohibidos", englobando alguns poemas do livro com o mesmo nome, publicado em 1931, como na parte anterior, reúne poemas dentro da técnica surrealista. Quanto ao aspecto temático, o poeta deu ênfase ao amor erótico. Temos um exemplo no poema **Diré cómo nacisteis** onde, há uma proclamação de sua homossexualidade, uma defesa do seu direito ao amor e um ataque aos opositores que fazem conflituoso esse prazer, tornando o amor impossível: (*Extender entonces la mano/ es hallar una montaña que prohíbe,/ un bosque impenetrable que niega/ un mar que traga adolescentes rebeldes.*)¹³ Em outros poemas também, como em "Si el hombre pudiera decir" o poeta revela a sua verdade: *La verdad de sí mismo/ que no se llama gloria, fortuna o ambición/ sino amor o deseo.*¹⁴

O quinto bloco, "Donde habite el olvido", é uma coletânea de poemas breves e sem título, que lembram os de Bécquer. So poemas tristes, cheios de negatividade. Exemplo são os versos: (*He amado, ya no amo más;/ he reído, tampoco río; No creas nunca, no creas sino en la muerte de todo;*¹⁵ *La caricia es mentira, el amor es mentira, la amistad es mentira.*)¹⁶

No sexto bloco, "Invocaciones a las gracias del mundo", florilégio da obra com esse nome, publicada em 1936, composto de poemas mais extensos que no bloco anterior, o poeta recapitula a sua vida, sua aprendizagem, e pensamento: *Me perdí luego por la tierra injusta/ como quien busca amigos o ignorados amantes;*¹⁸ *Cuando el amor muere/ la vida de la tierra y la vida del mar palidecen/ juntamente;*...¹⁹

La realidad y el deseo, enquanto reflete a poética de Cernuda, põe de manifesto dois mitos, integradores de forças contrárias, garantidores da coesão do cosmo: Eros e Thanatos, porque junto ao amor, um dos temas principais nessa obra, há uma copresença da morte. Thanatos cerca toda a beleza e se faz presente na solidão, outro tema destacante, acompanhada de uma manifesta tristeza. No jogo do amor/morte, entremeando a dialética realidade e desejo (desejo impossível/ realidade implacável) está a ambigüidade. Essa obra é uma biografia de uma consciência poética européia, na medida em que nela se manifesta um poeta polêmico que não segue as pegadas do regionalismo, como fez Garcia Lorca, ao acentuar o tema do andalus, mas que deixa, ao contrário, transparecer um sentimento de anti-espanholismo, desenvolvendo um espírito moderno através do Surrealismo.

Cernuda não é o único poeta da língua espanhola que sentiu a fascinação do Surrealismo, pois que os chilenos Vicente Huidoro e Pablo Neruda e o espanhol García Lorca têm poemas que se encaixam dentro da filosofia surrealista. No Surrealismo, a natureza descrita se torna sugestiva. Ela é uma entidade autônoma e não um fundo para outra coisa. Contudo, em sua obra, Cernuda une poesia e vida, o que os escritores citados não fazem. Ele subverte a linguagem e as instituições com a técnica surrealista, libertando-se de tabus, aceitando-se a si mesmo ao assumir o seu homossexualismo, concebendo-o não como uma enfermidade, nem como um pecado, mas como um destino livremente aceito e vivido. Com o poema **Los placeres prohibidos**, o mundo da realidade, representado pelas imagens "muros de mármore", "flores de ferro", "planetas terrenais", "solidão ativa" e "liberdades memoráveis", Cernuda se comunica com o mundo do sonho e da inspiração, o mundo subterrâneo. O tema preferido do poeta, o do desejo de impossível realização, diante de um mundo hostil ou indiferente dos homens, se torna mais ativo mediante imagens que revelam uma cosmovisão psíquica. Poeticamente, Cernuda revela o amor erótico como uma força cruel e passageira, que deixa um vazio quando desaparece. Um exemplo são os versos a seguir do poema *Telarañas cuelgan de la razón*²⁰ (*Teias de aranha penduradas na razão*): *Telarañas cuelgan de la razón/ en un paisaje de ceniza absorta;/ ha pasado el huracán de amor/ ya ningún pájaro queda./...*. Cernuda nem sempre é um seguidor da técnica surrealista, pois a abandona depois de sua obra **Placeres prohibidos** para voltar às formas que se aproximavam à de sua juventude, como se pode observar na sexta parte da obra que presentemente se analisa, "Donde habite el olvido", porém o fato é que o poeta soube expressar seu mundo interior com propriedade dentro desta estética.

La realidad y el deseo é o resultado de uma seleção do próprio autor de todas as suas obras anteriores, por isso julgamos que encerra o mais genuíno desse poeta. Assim, para este estudo que se objetiva fazer da experiência vital de Cernuda, houve uma apropriação dessa obra para apresentar a dialética temática **solidão e erotismo**, os seus pontos relevantes e representativos do homem e do poeta.

Aristóteles condicionou a experiência à memória. Hoje essa subordinação é um fato comprovado pela filosofia e psicanálise que vêem a memória como uma forma de dados acumulados que, inconscientemente, afluem a ela. Em **Matéria e memória**, Bergson considera a memória decisiva para a organização da experiência. Como a vida é o resultado de uma determinada organização físico-química da matéria corpórea, ou, em outras

palavras, é a capacidade de atuação, segundo a faculdade de desejar, a soma de comportamento ou de manifestação dele so os pressupostos para uma análise de um indivíduo ou de sua obra. Por isso lembra-se aqui do temperamento destacável de Cernuda no passado: a melancolia e a timidez (comportamento humano que contém núcleos semânticos próprios da solidão, com raízes em Thanatos) e, também, da profunda tristeza emanada de seus poemas.

Segundo os biógrafos, Cernuda era tímido e triste. A solidão que ele manifesta em seus versos se adapta a essas características. Quando o poeta afirma **estoy cansado de estar vivo**., ela se apresenta junto à tendência ao suicídio.

O poeta reconhece que a solidão é sua companheira desde a infância. Ela é cheia dela mesma, preenche a sua vida e lhe dá força e fraqueza: *...tú. soledad tan mía./ y tú me das fuerza y debilidad.*²² *Tú, verdad solitaria,/ transparente pasión, mi soledad de siempre; eres inmenso abrazo;/ el sol, el mar./ la oscuridad, la estepa,/ el hombre y su deseo./ la airada muchedumbre./ ¿qué son sino tú misma?/ Por ti mi soledad, los busqué un día;/ en ti, mi soledad, los amo ahora.*²³ A solidão é sombra onde o homem mostra a sua melancolia num suspiro: *Sombra, si tú lo sabes, dime;/ deja el hondo fluir/ libre sobre su margen invisible,/ acuérdate del hombre que suspira/ antes de que la luz vele su muerte...*²⁴. Mas ela pode ser produtiva. Um exemplo é o poema **Himno a la tristeza**,²⁵ onde o eu poético se aproveita da solidão para produzir poemas: *La soledad poblé de seres a mi imagen/ como un dios aburrido;/ los amé si eran bellos,/ mi compañía les di cuando se amaron/ y ahora como ese mismo dios aislado estoy,/ inermes y blanco tal una flor cortado(...)*²⁶

Nos primeiros poemas de *La realidad y el deseo*, sem títulos, a solidão e a arte estão patentes e num tempo presente. Há, no cenário, um quarto, onde um jovem poeta solitário sonha. O desejo desperta no jovem e há uma luta interior que se debate diante da realidade repressora: *Los sentidos tan jóvenes/ frente a un mundo se abren/ sin goces ni sonrisas/ que no amanece nadie.*²⁷ Da janela do quarto, que dá para o exterior, pode-se ver uma paisagem crepuscular: *Verdes están las hojas;/ el crepúsculo huye./ anegándose en sombra/ las fugitivas luces/ En su paz la ventana / restituye a diario/ las estrellas. el aire/ y el que estaba soñando.*²⁸ Em breves pinceladas o quarto é descrito, "entre muros", e é caracterizado o solitário poeta que nele está. *el afán (...) debatiéndose aislado*. Descreve o eu poético, ainda, o leito de madeira, o lençol branco e o travesseiro de pena: *entre sábanas de espuma;/ almohada, alas de pluma/ de los hombros en reposo./ (...) Al blando lecho rodea/ ébano en sombra luciente.*²⁹ onde se dá o seu *morir cotidiano* v. 1. Há um tom envolvente de melancolia, de triste desamparo e de negatividade, mas também de erotismo. Bachelard³⁰ diz que o quarto e a casa são "diagramas de psicologia que guiam os escritores e os poetas na análise da intimidade". O quarto mostra uma intimidade e, por isso, revela um estado de alma. Ele mostra a dialética do exterior e interior, representa o sim e o não, fazendo o jogo de uma visão dualista do mundo, típica técnica maneirista e surrealista, que organizam um sistema de dois mundos separados: um sensível, representado pela natureza e o outro alusível por meios sensíveis. Nessa representação, a realidade parece interromper a sua continuidade. No surrealismo, a natureza descrita se torna sugestiva. Ela é uma entidade autônoma e não o fundo para outra coisa. Assim Cernuda, em poemas, aparentemente, descritivos ou narrativos, utilizando a técnica surrealista de associação de idéias, numa aparência de mistério, explica a sua emoção que, fluindo de uma corrente identificativa no consciente, nos emociona inexplicavelmente. Para reforçar o triste isolamento do eu poético, surgem gradações negativas. Os ambientes internos e externos são separados numa atitude muito própria do barroco. A solidão do poeta nos é revelada nas expressões: "calma vacia", "lo incierto presente", "sin ayer ni mañana", "ingrático presente", "ingrática vida somnolencia", "salón tan frío", "noche desierta", "soledad sin amor", "la esperanza

se duerme", ou nesses versos: "la soledad tras las puertas cerradas/ abre la luz sobre el papel vacío"; "las palabras que velan el secreto/ placer (...)"; "el cotidiano éxodo/ por las calles (...)"; "otra noche acunando/ esta dicha vacía"; "Muerta/ las rosas que ayer abrieron"; "la almohada no abre/ los espacios risueños"; "yace la vida inerte/ sin vida, sin ruido/ sin palabras crueles"; un llanto entre los muros sólo/ Silencio, nada". Algumas vezes a solidão do eu poético se manifesta, não dentro de um ambiente interno, num quarto, em momentos de inspiração poética, mas junto da natureza, onde se manifestará também o desejo erótico insatisfeito: *Bajo tormentas la playa/ será soledad de arena/ donde el amor yacía en sueños.*³¹

O ambiente interno (janela, parede) intensifica a sensação de tristeza, de isolamento e reflete a vida interior do desejo do eu poético, fechado, separada de outra realidade.

Na segunda parte de *La realidad y el deseo*, "Égloga, elegía, oda", o poeta, exercitando-se em formas clássicas, com versos endecassílabos, se torna melancólico por um tempo passado. Refletindo esse estado de alma, surgem expressões como: *tiniebla fúnebre; gloria triste; silencio sólido; cálida voz extinta; paz estéril, solitaria*. A imagem da morte aparecerá em versos como: *El mármol absoluto en un sombrío/ reposo melancólico lo esconde.*³² A melancolia é um sentimento que está próximo da solidão. Assim, o eu poético, embebido em sua tristeza, não só sente a sua solidão como também a de quem ama, como a do povo mexicano e a vê ao referir-se a Durango, cidade mexicana nas imediações da Serra Morena: *Por la ventana abierta/ muestra el destino su silencio;/ sólo nubes con nubes, siempre nubes/ más allá de otras nubes semejantes,/ sin palabras, sin voces,/ sin decir, sin saber;/ últimas soledades que no aguardan mañana.*³³ Também, no poema **A las estatuas de los dioses**, ele fala de momentos de sonhos, provocados por uma noite enluarada de outono: *En tanto el poeta en la noche otoñal,/ bajo el blanco embeleso lunático,/ mira las ramas que el verdor abandona/ nevarse de luz beatamente,/ y sueña con vuestro trono de oro/ y vuestra faz cegadora,/ lejos de los hombres,/ allá en la altura impenetrable.*³⁴ A solidão de Cernuda o faz melancólico e o faz pensar na morte. Há nesse pensamento, apesar do aspecto suicida, um temor à morte. Os poemas V e XI da parte "Donde habite el olvido" são exemplos dessa temática. Em sua solidão, o eu poético se encontra aprisionado entre paredes, triste, sem vida. (*Los muros nada más/ Yace la vida inerte,/ sin vida, sin ruido,/ sin palabras crueles. (...) Un llanto entre las manos/ sólo. Silencio, nada/ La oscuridad temblando.*)³⁵

Quanto à representação erótica, desejo de união com os objetos do mundo, o poeta manifesta com as palavras **desejo, amor, goces, placeres, sentidos jóvenes**. O amor para o poeta move o mundo. No poema III, de "Primeras poesías" o corpo ainda não foi despertado para o desejo, não teve a experiência consciente do desejo: *El cuerpo se adormece/ aguardando su aurora.*

Erotismo é uma palavra que se originou do nome de um mito grego, Eros, o deus do amor, que aproxima, une, multiplica e varia as espécies vivas. No entanto, o amor para Cernuda tem a idéia de incompletude, como nos seres bipartidos, desprovidos de força, apresentado no discurso de Aristófanes no **Banquete**. A sua possessão é instantânea. No poema **Desdicha**, nos primeiros versos transparecem insatisfação, reproduzida com a imagem de braços de nuvens: *Imposible con nubes estrechar hasta el fondo/ un cuerpo, una fortuna/ (...) hacen falta unos brazos seguros como el viento,/ y como el mar un beso.*

Erotismo pode ser compreendido como sexualidade socializada. Nesse sentido, são os instintos vitais sem repressão. Na teoria de Freud, erotismo são os princípios do prazer e da realidade antagônicos. Para ele, o amor é uma força instintiva, originária, que é a libido

(sensações voluptuosas que se manifestam na vida do homem desde o seu nascimento). Elas podem ser sublimadas. Quanto a isso, Freud esclarece que aparecem as forças superiores do amor, fundamento de todos os progressos da vida social, da arte, da ciência e da civilização, na sublimação da libido. Cernuda sublima o amor através da poesia.

Freud vê o desejo do Outro como uma busca para preencher uma falha e como responsável pelo aparelho psíquico, o qual orienta o indivíduo conforme a percepção do agradável e do desagradável, do prazer e do desprazer. Com Cernuda, esse desejo é despertado através da beleza do corpo. Um canto à beleza do corpo e a um amor de impossível realização é o extenso e elegíaco poema **El joven marino**. Exemplo so os versos *Yo te adoraba como cifra de todo cuerpo bello./ sin velos que mudaran la recóndita imagen del amor./ más que al mismo amor, más, ¿me oyes?/ insaciable como tú mismo./ inagotable como tú mismo./ aun sabiendo que el mar era el único ser de la creación digno de ti/ y tu cuerpo el único digno de su inhumana soberbia.*³⁶

O descobrimento do corpo, o canto à beleza física são algumas das melhores manifestações poéticas de Cernuda, talvez porque essa impossibilidade de realização amorosa nasça, como no poema **El joven marino** de um forte obstáculo: a morte ou porque canta um amor homossexual.

Falar do erotismo de Cernuda e no falar de sua homossexualidade é escamotear a sua poética, pois ela é o ponto de partida da maioria de seus poemas. O amor em Cernuda não é uma realização plena. Ele é a conseqüência de sua solidão, é renúncia, o verdadeiro amor. Exemplo desse tipo de amor nos deu Sócrates, pois só era amado na medida em que era capaz de resitir à sedução dos belos jovens.

Reconhecer a sua homossexualidade é uma aceitação de que é diferente dos outros; de que pertence a um mundo perseguidor, cruel, o mundo dialético entre a realidade e o desejo, talvez pela descoberta da dialética do mundo é que ele se fez surrealista. já que o pensamento moderno, principalmente o surrealista, mostra que todos somos diferentes. Para Cernuda, homossexualismo é sinônimo de liberdade: *Libertad no conozco sino la libertad de estar preso en alguien/ cuyo nombre no puedo oír sin escalofrío./ alguien por quien me olvido de esta existencia mezquina./ por quien el día y la noche son para mí lo que quiera./ y mi cuerpo y espíritu flotan en su cuerpo y espíritu./ como leños perdidos que el mar anega o levanta./ libremente, con la libertad del amor./ la única libertad que me exalta./ la única libertad porque muero.*³⁷

Cernuda no procura defender o direito da homossexualidade, mas sim exaltar a experiência amorosa ou o amor por uma só pessoa, ainda que sujeita à traição e à morte. Ele se aceita e, aceitando-se, encontra sua pureza original é o que dizem os primeiros versos do poema **Que ruido tan triste**: *Qué ruido tan triste el que hacen dos cuerpos cuando se aman./ parece como el viento que se mece en otoño/ sobre adolescentes mutilados./ mientras las manos llueven./ manos ligeras, manos egoístas, manos obscenas./ cataratas de manos que fueron un día/ flores en el jardín de un diminuto bolsillo.*³⁷

Nos **Placeres prohibidos**, Cernuda é um poeta à margem da sociedade. Quando ele fala de prazeres proibidos não é precisamente por causa de sua homossexualidade, pois ele não a considerava nem um pecado nem uma anormalidade, mas porque em todo erotismo há transgressão e, através de su poesía, Cernuda se afasta do mundo comum, porque *el reino del poeta tampoco es de ese mundo*, e celebra o seu amor, mesmo quando essa atitude o coloca fora do mundo, ao dizer a sua verdade. O amor para o poeta pode ser frágil, já que a vida é fugaz. Esta visão se encontra no poema **Donde habite el olvido**, mas o lugar do

esquecimento é a morte que encontra quando exalta o amor eterno como a poesia que nos seduz, porque cada poema é um pequeno universo de ecos e correspondências.

Notas

- 1 Luis Cernuda nasceu em Sevilha em 21 de setembro de 1904 e morreu no México em 5 de novembro de 1963. Seu pai, um militar autoritário no lar, era porto-riquense, seus avós paternos galegos e palmerinos, sua mãe de Sevilha, mas com ascendência francesa. Timido, sentiu-se sempre atraído pelo solidão contemplativa. Aos nove anos leu o poeta pós-romântico Gustavo Adolfo Bécquer. Aos 14 anos escreveu sua primeira poesia. Aos 15, começou sua carreira de Direito na Universidade de Sevilha e foi aluno do poeta Pedro Salinas. Mais tarde tornou-se amigo deste e, a seu conselho, se aproximou dos clássicos espanhóis (Garcilaso, Fray Luis de León, Góngora, Lope de Vega, Quevedo e Calderón) e de alguns escritores franceses (Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e Gide). Depois da morte de seu pai, foi para Madri. Trabalhou em uma livraria e fez amizades com vários poetas entre eles Vicente Aleixandre. Por meio de Pedro Salinas conseguiu o cargo de professor em Toulouse. Aí escreveu o seu terceiro livro, *Un río de amor*. Nas férias de verão voltou a Madri. Em 1938, saiu da Espanha para dar uma série de conferências, permanecendo nessa cidade até 1946. Foi para os Estados Unidos onde ficou até 1963, quando transferiu sua residência para o México, onde morreu, em 5 de novembro, de um infarto.
- 2 Desta geração literária fazem parte excelentes poetas como: Gerardo Diego, Federico García Lorca, Rafael Alberti, Pedro Salinas, Jorge Guillén, Emilio Prados, Manuel Altolaguirre, Vicente Aleixandre e Dámaso Alonso.
- 3 SALINAS, Pedro. Nueve o diez poetas. In: *Ensayos de literatura hispánica*. Ed. de J. Marichalar. Madrid, Aguilar, 1958, p. 672-3.
- 4 CERNUDA, Luis. *La realidad y el deseo*. E. de Miguel J. Flys., Madrid, Clássicos Castalia, 1982. 218 p.
- 5 *La realidad y el deseo* foi editada, pela primeira vez, em Madri em 1936. Teve a sua segunda edição em 1940, no México, pela editora Sêneca e em 1940, 1958 e 1964 pela Fondo de Cultura Económica. Outras obras posteriores a esta publicou Cernuda, ainda em vida: *Las Nubes*, 1943; *Con quien espera el alba*, 1947; *Poemas para un cuerpo*, 1957; *Díptico español*, 1961; e *Desolación de la Quimera*, 1962. As obras de Cernuda que fazem parte da seleta de *La realidad y el deseo* são: *Perfil del aire* (1927); *Égloga, elegia, oda* (1928); *Un río, un amor* (1927); *Los placeres prohibidos* (1921); *Donde habite el olvido* (1934); e *Invocaciones a las gracias del mundo* (1936).
- 6 Ibidem, "Égloga". p. 99-100, v. 27-42.
- 7 ORTEGA Y GASSET. *Meditaciones del Quijote*. Madrid, Revista de Occidente, 1966.
- 8 CERNUDA, L. Destierro. *La realidad y el deseo*. Madrid, Clássicos Castalia, 1982. p. 119, v. 1-5.
- 9 Ibidem, "Remordimiento en traje de noche" p. 115, v. 1-2.
- 10 Ibidem, "No sé qué nombre darle en mis sueños". p. 133, v. 6-10.
- 11 Ibidem, "Desdicha". p. 127, v. 1-4.
- 12 Ibidem, "¿Son todos felices?" p. 139, v. 10-1.
- 13 Ibidem, p. 145, v. 33-8.
- 14 Ibidem, p. 150, v. 8-10.
- 15 Ibidem, Poema III. p. 170, v. 13-4.
- 16 Ibidem, Poemas XVI. p. 181, v.28.
- 17 Ibidem, "Los fantasmas del deseo". p. 183, v. 45.
- 18 Ibidem, "Soliloquio del farero". p. 189, v. 11-2.
- 19 Ibidem, "Dans ma péniche". p. 200, v. 17-9.
- 20 Ibidem, p. 147.

- 21 Ibidem, p. 124.
- 22 Ibidem, "Soliloquio del farero". p. 190, v. 41-2.
- 23 Ibidem, p. 191, v. 56-65.
- 24 Ibidem, p. 193, v. 21-5.
- 25 Ibidem, p. 209.
- 26 Ibidem, p. 209, v. 14-9.
- 27 Ibidem, p. 75, v. 5-8.
- 28 Ibidem, p. 74, v. 14-20.
- 29 Ibidem, p. 76, v. 2-10.
- 30 BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo. Martins Fontes, 1989. p. 56.
- 31 CERNUDA, L. **La realidad y el deseo**. Madrid, Clásicos Castalia, 1982. p. 84, v. 16-9.
- 32 Ibidem, p. 98, v. 19-20.
- 33 Ibidem, p. 126, v. 5-10.
- 34 Ibidem, p. 213, v. 41-8.
- 35 Ibidem, p. 88.
- 36 Ibidem, p. 206, v. 91-8.
- 37 Ibidem, p. 151, v. 14-22.
- 38 Ibidem, p. 149.